



GT 33. Enlaces e emaranhados: antropologia, etnografia e culturas populares

Coordenador(es):

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Cultura Popular: narrativas e interpretações

Debatedor/a: Renata de Sá Gonçalves (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Cultura, Folclore e Patrimônio

Debatedor/a: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Debatedor/a: Antonio Maurício Dias da Costa (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O grupo visa investigar diferentes construções discursivas nos estudos das culturas populares. Busca alargar nossa compreensão de tais estudos ao refletir sobre os enlaces e emaranhados existente entre literatos, antropólogos, estudiosos do folclore, promotores de festejos e de folguedos e demais agentes que ajudaram a um só tempo a conhecer novas realidades e a produzir visões mais ou menos canônicas a seu respeito. Desde os anos 1980, a experiência etnográfica reconfigurou-se na antropologia com a associação mais crítica da pesquisa de campo a sua resultante apresentação escrita. Questionaram-se hierarquias entre pesquisadores e sujeitos enfocados; reconheceram-se estratégias narrativas e recursos ficcionais nos textos produzidos. Com esse ponto de partida, enfocamos a presença da perspectiva etnográfica nos estudos antropológicos das culturas populares, problematizando seus enquadramentos conceituais - arcaísmo, primitivismo, sobrevivência; cooptação, resistência, resgate; dinâmica, circuito ou patrimônio culturais; conhecimentos e territórios tradicionais, entre outros. Por culturas populares entendemos um ambiente sociocultural heterogêneo com especificidades históricas, regionais, religiosas, étnico-raciais, no qual estão em jogo mediações, inovações e múltiplas redes de relação e trocas culturais, distintas formas rituais e expressivas. Trata-se, entretanto, de focar especialmente os registros documentais e a produção bibliográfica resultante de tais estudos.

Falando com o boi: as variações narrativas na Lenda do Boi Falô

Autoria: Caue Fernandes Nunes (PUC-CAMPINAS - Pontifícia Universidade Católica de Campinas)

O objetivo desse work é fazer uma análise da lenda do boi falô usando o estruturalismo antropológico como metodologia. De tradição oral, a lenda é originária do distrito de Barão Geraldo, na cidade de Campinas/SP, e narra a relação entre o escravizado Toninho, o Barão Geraldo de Rezende - dono da Fazenda Santa Genebra - , e um boi. Diversas versões foram colhidas, a maioria de relatos orais, mas também versões contidas em filme, livro, folhetos, assim como na Festa do Boi Falô, evento que acontece todos os anos na cidade. As narrativas apresentam diferenças entre si, no entanto, existe um núcleo comum invariante que permite conectar as diversas versões. As definições entre os conceitos de lenda, mito e outras narrativas são fluídas e dependem dos contextos cosmológicos em que estão inseridos. Como o objetivo aqui é isolar os termos que compõem a lenda e buscar compreender quais estruturas são mobilizadas, a narrativa em questão pode ser compreendida também como um mito. A hipótese levantada é de que a lenda do boi falô realiza a manipulação das seguintes oposições cosmológicas: senhor-escravo, natureza-cultura, sagrado-profano e branco-negro. Após recolher diversas versões da lenda, escolhi uma para funcionar como a de referência. A decisão foi tomada pela importância do interlocutor e não necessariamente pelo conteúdo da história. Mestre



Marquinhos é campineiro e sua família é uma das que possui a tradição de transmitir a lenda de geração em geração. Mestre griô e de capoeira, Marquinhos está envolvido diretamente na militância cultural e de preservação da cultura negra da cidade, interessado principalmente nas narrativas de transmissão oral. As demais versões são de frequentadores da Festa do Boi Falô, de um curta-metragem chamado ?O Boi Falô? e do livro ?A Lenda do Boi Falô?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: